

O SISTEMA MUNDIAL MODERNO E TRÊS PERSPECTIVAS COMPARADAS SOBRE SUA EVOLUÇÃO: AS ANÁLISES DE IMMANUEL WALLERSTEIN, GIOVANNI ARRIGUI E JOSÉ LUIS FIORI

Wagner Watson de Souza

Mestre em Ciências Sociais pela UFPR. Doutorando em Economia Política Internacional da UFRJ.

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade discutir o sistema mundial moderno sob três perspectivas: as teses encontradas em Immanuel Wallerstein, argumentos de Giovanni Arrigui e o problema na perspectiva de José Luis Fiori. Em Wallerstein será enfrentada análise sobre tendências seculares do capitalismo histórico aproximando-se de seus limites bem como da desorganização sistêmica que levaria à constituição de um novo sistema, sob novas bases, com novas tendências e novos ritmos cíclicos. Já em Arrigui, anotações quanto ao caráter sistêmico do processo de transição hegemônica, mas ainda longe do final dos ciclos em direção a outro sistema econômico. Para Fiori, as relações originais entre o Poder e Capital, com precedência lógica do primeiro, assentam-se na interligação e dependência recíprocas. Futuramente vislumbra aumento da “pressão competitiva” entre os Estados Nacionais e retomada da corrida interimperialista de forma que a dinâmica do Sistema Interestatal Capitalista, com o “motor” do sistema situado na disputa entre os blocos de poder e capital, continuará. No limite existe a guerra; mas o que realmente interessa, no jogo, é a preparação para a guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Wallerstein; Fiori; Arrigui; novos sistemas

ABSTRACT

This article aims to discuss the modern world system from three perspectives: the theses found in Immanuel Wallerstein, Giovanni Arrigui arguments and the problem from the perspective of José Luis Fiori. In Wallerstein be faced analysis of secular trends of historical capitalism approaching its limits as well as the systemic disorganization leading to the establishment of a new system under new bases, with new trends and new cyclical rhythms. Already in Arrigui, notes about the systemic

nature of the process of hegemonic transition, but still far from the final cycles toward another economic system. To Fiori, originating relations between Capital and Power with the first logical precedence, based on the interconnection and mutual dependence. Future envisions increased "competitive pressure" between nation states and resumed the race interimperialist so that the dynamics of Interstate Capitalist System, with the "engine" of the system located in the dispute between the power blocs and capital will continue. Limit exists in war, but what really matters in the game, is preparing for war.

KEY-WORDS: Wallerstein; Fiori; Arrigui; new systems

Immanuel Wallerstein argumenta que o Sistema Mundial Moderno, constituído há cerca de 500 anos pelos europeus, está em crise terminal como Sistema Histórico. Outro sistema, segundo o autor, surgirá para substituí-lo e não há como saber que forma tomará. Esta afirmação, para o sociólogo norte-americano, decorre do fato de que o equilíbrio do Sistema Mundial Moderno é um equilíbrio em movimento, e de que este possui uma combinação de ritmos cíclicos e tendências seculares, que é o que define como o sistema funciona "normalmente".

As tendências seculares não poderiam prolongar-se indefinidamente, pois atingiriam assíntotas. A partir deste momento, não seria mais possível que os ritmos cíclicos devolvessem equilíbrio ao sistema e estaria instalado o período de instabilidade que levaria a um novo sistema. Wallerstein, ao fazer estas afirmações, utiliza-se do conceito de "bifurcação" de Henri Poincaré para conceituar o que entende como fim do atual sistema

Entra então na sua crise terminal e bifurca-se - isto é, vê-se perante duas ou mais vias alternativas para uma nova estrutura com um novo equilíbrio, novos ritmos cíclicos e novas tendências seculares. Mas não é possível determinar de antemão qual das duas vias alternativas o sistema tomará, isto é, que tipo de novo sistema será estabelecido, pois isto depende de uma infinidade de escolhas particulares que não estão sistemicamente definidas. É isto que acontece hoje na economia-mundo capitalista (WALLERSTEIN, 2004, p. 66).

Em sua obra “O Declínio do Poder Americano”, no capítulo 03 que traz o título “Globalização: uma trajetória de longo prazo no sistema-mundo” menciona as três tendências seculares que farão, nesta acepção, o Sistema Mundial Moderno entrar em uma crise terminal: o aumento do nível salarial geral, o custo das aquisições de materiais e os custos de tributação. Todas levariam a redução estrutural das taxas de lucro. Wallerstein defende, a respeito da primeira tendência secular, que o viés pró-democratização das instituições políticas no longo prazo e o aumento do poder de barganha dos trabalhadores (que tem como pressuposto uma crescente organização sindical por parte destes) fará com que a estratégia de deslocalização produtiva, como meio dos capitalistas limitarem a pressão redistributiva, perca eficácia. Conclui ainda, a respeito deste ponto, que a acelerada desruralização do mundo, ocorrida depois da Segunda Guerra Mundial, deve ter seu termo em menos de três décadas, pondo fim ao estoque de trabalhadores disponíveis e pouco mobilizados e que estes, após certo tempo (que o autor estima em 30 anos) “começam a exercer sobre os níveis salariais pressões paralelas à dos trabalhadores em outras regiões da economia-mundo (WALLERSTEIN, 2004, p.68).

Menciona ainda Wallerstein, que os trabalhadores do setor informal dos centros urbanos tem opções de trabalho e renda que os fazem exigir níveis salariais razoáveis para entrar no setor formal, ou seja, os trabalhadores do setor informal não seriam exatamente um “estoque laboral disponível” em relação aos da economia formal.

Sobre a segunda tendência secular, Wallerstein discorre sobre os custos de aquisição de materiais, não apenas os custos em si da compra destes que uma empresa faz de outra, mas o custo de tratá-los. Diz que “(...) se o tratamento das matérias primas resultar em emissão de produtos tóxicos ou de materiais pesados, parte do custo envolvido tem a ver com a eliminação desses desperdícios de modo seguro” (WALLERSTEIN, 2004, p. 69).

Para o autor, as empresas sempre tenderiam, na linguagem dos economistas, “externalizar os custos”, por exemplo, despejando, após um tratamento mínimo, seus resíduos em um rio. Segundo Wallerstein, essa externalização reduz de maneira significativa os custos de determinados produtores elevando suas margens de lucro. Nesta interpretação, o problema aqui é semelhante ao da deslocalização produtiva, em algum momento deixará de haver rios para poluir ou

árvores para abater, e, mesmo que os governos do mundo resolvessem empreender uma vasta campanha de despoluição e renovação orgânica, os custos de tal operação teriam que recair sobre as empresas ou sobre o Estado e todos os contribuintes, o que traria impactos econômicos negativos significativos em ambos os casos. Mesmo que se “socializasse” tal operação por meio do Estado, ela não faria sentido se as empresas não internalizassem os custos para operar tratando os resíduos. Para Wallerstein (2004, p. 70) “Isso, contudo, aumentaria ainda mais a pressão sobre os lucros das empresas individuais. (...) o crescente custo das aquisições de materiais é a segunda pressão estrutural sobre a acumulação de capital”.

A terceira tendência secular seriam as pressões de tributação. Wallerstein argumenta que as crescentes demandas populares por mais serviços sociais, assim como crescentes despesas militares e policiais e o aumento das burocracias civis (com o intuito de recolher impostos e desempenhar cada vez mais funções, num mundo mais complexo) levam a aumentos constantes nas cargas fiscais dos Estados “em praticamente todos os países, com no máximo, ligeiras reduções ocasionais” (WALLERSTEIN, 2004, p. 71). Para o autor esta tendência tem ocasionado “crises fiscais dos Estados”, ou seja, Estados, para atender às demandas cada vez maiores que lhe são exigidas, precisariam tributar cada vez mais. Segundo ele “a certa altura, esta tributação redistributiva atinge níveis em que interfere seriamente com a possibilidade de acumulação de capital” (WALLERSTEIN, 2004, p. 71).

Wallerstein, portanto, constrói sua argumentação sob as seguintes premissas lógicas: as tendências seculares do capitalismo histórico estariam em seus limites, próximas ao ponto de “não-retorno”, de desorganização sistêmica que levaria à constituição de um novo sistema, sob novas bases, com novas tendências seculares e novos ritmos cíclicos. Para chegar a tal conclusão, em concordância com o argumento de Karl Marx sobre os limites do capitalismo e sua “crise terminal” aborda o problema do que seria uma redução estrutural das taxas de lucro, que acarretaria a perda insolúvel do dinamismo necessário ao sistema. Isso ocorreria porque, o “motor do sistema”, a infundável acumulação de capital, encontraria limites concretos e insuperáveis.

A primeira das tendências seculares, o aumento salarial dos trabalhadores, não poderia mais ser enfrentada através de deslocalizações e a utilização dos trabalhadores fora do mercado formal encontraria seu limite em algum momento próximo. Há alguns problemas com esta argumentação de Wallerstein. Ela se utiliza de um paradigma marxista “produtivista” e industrialista para explicar o que “move” as economias capitalistas. As economias mais avançadas são economias em que o setor de serviços é predominante, tendo havido uma parcial desindustrialização destes países, para a produção das mercadorias as quais é mais barato produzir no exterior. É importante, contudo, que se tenha a correta dimensão do que significa a “desindustrialização” do mundo rico. Certamente pode-se afirmar que não deixaram de ter expressiva participação na produção industrial do mundo. E existem protecionismos seletivos, em determinados setores, a despeito do custo. Apesar do veloz crescimento da participação dos países asiáticos de industrialização recente, especialmente chinesa, EUA, Japão e Europa Ocidental continuam a responder pela maior parte da produção industrial do planeta.

Entretanto, mesmo que concordemos com Wallerstein a respeito da tendência de que a indústria cada vez mais procure países de mão-de-obra mais barata, ele claramente superestima as “tendências de ‘democratização’ (termo que ele usa entre aspas, é bom salientar) das instituições políticas modernas no longo prazo” e a suposta tendência de aumento do poder de barganha dos trabalhadores. Não há evidência empírica que sustente que todos os países do mundo se tornarão democracias liberais, tendo como o modelo a Europa Ocidental e os EUA, no longo prazo, embora o número de países formalmente democráticos tenha aumentado nas últimas décadas.

Poder-se-ia dizer também que, com a descolonização, o número total de países aumentou consideravelmente e a maioria deles não são democráticos relativizando o aumento do número de democracias ressalvado por muitos cientistas políticos, de perspectiva funcionalista. Não há um forte movimento neste sentido na Rússia e na China atuais, para citar o exemplo de dois países de grande importância. E não há em muitos outros. Não havendo esta evidência torna-se mais fraco o argumento de que os trabalhadores de fábricas “deslocalizadas” poderão organizar-se em sindicatos para obterem aumentos salariais.

A respeito da “desruralização” do mundo o autor parece subestimar os gigantescos contingentes populacionais ainda não incluídos na economia capitalista mundial. O autor não fornece evidências empíricas para demonstrar que os “estoques de mão-de-obra” terminarão em 25 ou 30 anos.

E ainda a respeito do trabalho informal, pode-se dizer que este também é utilizado pelas empresas do mercado formal, em larga escala, em países, como por exemplo, o Brasil. Portanto, não necessariamente as empresas dependem da formalização dos trabalhadores para reduzir seus custos laborais. E também seria possível argumentar que, no sentido contrário, a formalização e aumento de direitos teriam impacto positivo na demanda efetiva, com dinamização da economia, como também tem ocorrido nos últimos anos no Brasil, para novamente citar um exemplo.

A segunda das tendências seculares citadas, “o custo de aquisição de materiais”, é o que Wallerstein se refere como externalização de custos via poluição ou práticas predatórias da natureza, que na interpretação do mesmo representaria mais uma expressiva pressão de custo sobre as atividades empresariais e também sobre o Estado, se o mesmo resolvesse assumir os custos de uma “campanha de limpeza e renovação orgânica” (WALLERSTEIN, 2004, p. 70) da poluição gerada pelas empresas privadas. O autor também, neste caso, não apresenta as evidências empíricas que dariam a dimensão quantificada em termos globais desta tendência secular como pressão estrutural sobre as taxas de lucro do setor privado. E o sociólogo norte-americano desconsidera que, mesmo que se leve em conta o seu argumento, o avanço tecnológico dos processos industriais poderia baixar os custos de tratamento de resíduos e das necessárias “renovações orgânicas”. Ou seja, se esta segunda tendência secular se transformasse numa pressão sobre o sistema, o mesmo sistema provavelmente teria aí o incentivo para inovar e baixar custos, podendo ser, em vez de “pressão estrutural”, uma nova fronteira de acumulação e dinamização do capitalismo.

A terceira tendência secular, as pressões de tributação, ocorreriam pela necessidade cada vez maior de tributação por parte do Estado para satisfazer as crescentes demandas por seus serviços. Esta tributação ascendente seria um sério entrave à acumulação de capital. O problema, neste caso, não parece ser a tributação em si, mas sim se os países conseguem obter taxas de crescimento econômico que satisfaçam o necessário crescimento das receitas do Estado. Outro

problema é o direcionamento dos recursos do Estado. Um exemplo sobre esta questão é o Reino Unido. O governo conservador de Thatcher foi eleito prometendo reduzir o tamanho do Estado para supostamente torná-lo mais eficaz, o que deveria ter efeito sobre a carga tributária, reduzindo-a. O que ocorreu foi que, ao fim do período Thatcher, apesar do desmonte do aparato estatal, a carga tributária era ligeiramente maior do que aquela existente quando ela assumiu. A liquidez proveniente da não atuação do Estado em vários setores e funções e também das privatizações foi canalizada para o mercado financeiro, através dos juros maiores pagos pelo Estado e da desregulação dos mercados de capitais. Em vários outros países ocorreu processo semelhante.

Giovanni Arrigui, como Wallerstein, também teorizou sobre os ciclos hegemônicos. Diferentemente de Wallerstein, no entanto, não crê que se tenha chegado ao final dos ciclos em direção a outro sistema, que não se sabe qual será. Arrigui defende que estamos em uma transição hegemônica, que os EUA estariam vivendo período de declínio de sua hegemonia e que a expansão financeira iniciada nos anos setenta e aprofundada nos anos oitenta e noventa seria a sinalização maior da perda de capacidade hegemônica.

A teorização de Arrigui ressalta caráter sistêmico do processo de transição hegemônica:

As teorias sistêmicas como a de Waltz, ou mesmo a de Wallerstein, são corretivos importantes da falácia presente nas tentativas de se conhecer o todo pelo estudo de suas partes. Cada todo tem propriedades próprias ('propriedades sistêmicas'), que funcionam, nas palavras de Waltz, 'como uma força cerceadora e ordenadora sobre as unidades interagentes que compõem'. Os sistemas em si, portanto, são 'produtivos', e não apenas 'produto' de processos no nível unitário (ARRIGUI, 2001, p. 32).

Arrigui, segundo Fiori

Agrega uma nova dimensão ao conceito realista e wallersteiniano de 'hegemonia mundial': a idéia gramsciana do 'consenso', e da 'liderança moral', ao lado da 'coerção'(...) separa e identifica dois ciclos paralelos dentro do sistema mundial: os ciclos do poder ou 'ciclos hegemônicos' propriamente ditos e os ciclos econômicos do capital, ou 'ciclos de acumulação' que foram liderados simultânea e sucessivamente – nos últimos quinhentos anos – por Gênova, Holanda, Grã-Bretanha e Estados Unidos (FIORI, 2008, p. 14).

Ainda segundo Fiori

Arrigui identifica dois momentos cruciais no declínio simultâneo dos seus dois ciclos, do poder e do capital: o momento da 'crise inicial' e o momento da 'crise terminal'. Quando os dois ciclos convergem e 'terminam', já existiria em algum outro ponto do sistema mundial um novo 'bloco de poder e capital' capaz de reorganizar o sistema e liderar o ciclo seguinte, como no caso dos 'ciclos vitais' de Kindleberger (FIORI, 2008, p. 15).

No entanto, com discordâncias em relação à Wallerstein, que, conforme mencionado anteriormente, utiliza-se do conceito de bifurcação de Henri Poincaré, que designa “o surgimento de diversas soluções a partir de uma dada solução, em sistemas de equações diferenciais” (ARRIGUI, 2001, p. 31) para aludir a um ponto de não-retorno, Arrigui, a partir de outra interpretação deste mesmo conceito, salienta que há ordem no caos. Apesar da nova ordem que emerge da crise da anterior ter propriedades diferentes, existe uma ordenação inerente à ruptura dos padrões estabelecidos. Esta ordem é o que dá, nesta interpretação, característica endógena ao processo. Uma das críticas de Arrigui ao esquema de Wallerstein é que justamente sua ruptura viria de fatores exógenos e não endógenos do sistema.

O Sistema Mundial Moderno “produtivo” de Arrigui estabelece sequencias hegemônicas nas quais, a nova situação é qualitativamente diferente daquela do *hegemon* anterior. Como Wallerstein, Arrigui sustenta o cerne de sua argumentação em termos economicistas: a expansão financeira é uma reação defensiva do *hegemon*, que apenas prolonga a sua hegemonia, mas o declínio, por propriedades inerentes ao sistema, é inevitável. Arrigui, à semelhança de Wallerstein, combina a teoria do capital de Marx com a história econômica de longo-prazo de Fernand Braudel, e, em sua teoria, mantém-se fiel a Marx, aspecto em que também concorda Wallerstein, no que diz respeito ao caráter “produtivista” do capitalismo. A produção industrial é o “motor” do sistema e os países líderes do sistema são países que lideram a produção industrial no mundo.

Arrigui diz que as expansões financeiras são

O momento em que o líder de uma grande expansão do comércio e da produção mundiais que está chegando ao fim colhe os frutos de sua liderança, sob a forma de um acesso privilegiado à liquidez hiperabundante que se acumula nos mercados financeiros mundiais. Esse acesso privilegiado permite que a nação hegemônica em declínio barre, pelo menos por algum tempo, as forças que desafiam a continuidade de sua dominação (ARRIGUI, 2001, p. 42).

Portanto, o Sistema Mundial Moderno, em que se relacionam Estado e Capital continuará se reproduzindo, para Arrigui, com a financeirização sinalizando a chegada do ponto de não-retorno, não do sistema como um todo, mas de uma de suas partes, o *hegemon* declinante, presa, como todas as outras, à esta dinâmica.

A argumentação de Arrigui (assim como também a de Wallerstein), entende a predominância da finança como posterior à predominância da produção. As disputas entre as potências européias (especialmente França e Inglaterra) foram o aspecto determinante para o surgimento dos Estados Unidos, que soube tirar partido destas disputas fazendo alianças conforme a conveniência e ascendendo para o topo da hierarquia no Sistema Mundial. O sistema produtivo americano, e o seu sucesso, teriam sido resultado também da bem-sucedida aliança entre finança e produção, o *Modern Capitalism* de John Hobson.

Os Estados Unidos, apesar da deslocalização e da financeirização dos últimos 30 anos, continuam como principal potência industrial do planeta. E lideram nos principais setores de alto desenvolvimento tecnológico civil e militar, o que não parece ser propriamente considerado por Arrigui para determinação da situação hegemônica. O suposto enfraquecimento da hegemonia americana devido à predominância financeira, na verdade significou o aumento da presença dos capitais americanos no mundo.

A ligação funcional que Arrigui estabelece entre perda da hegemonia e financeirização desconsidera, ou ao menos não considera com a devida relevância, outros fatores que podem ser determinantes para que a situação de potência hegemônica se materialize. A eclosão da Segunda Guerra Mundial com a destruição física, perda de vidas humanas que teve como resultado necessário o enfraquecimento econômico, militar e político das potências européias foi fundamental para a consolidação mundial do poder americano. Não estava teoricamente determinado que a ascensão econômica americana levaria necessariamente a uma situação de hegemonia. O mesmo vale para a atual ascensão econômica chinesa.

A tese de José Luis Fiori parte da idéia do Sistema Interestatal Capitalista ser um “universo em expansão”, em que não está determinado ciclos nos quais certo país exerceria sua hegemonia, no que difere de Arrigui e também por estar

justamente em expansão, este sistema como um todo não estaria vivendo sua “crise terminal”, como quer Wallerstein.

A análise de Fiori, como Wallerstein e Arrigui faz a reconstrução histórica da evolução do Sistema Interestatal Capitalista. Fiori não crê, como Arrigui, que se possa caracterizar os períodos em que Gênova ou a Holanda estiveram na liderança do processo de acumulação de capital como períodos de hegemonia, apenas Inglaterra e Estados Unidos poderiam ser caracterizados como “centros hegemônicos”. Poderiam, pois Fiori prefere destacar o conceito de “poder global”, em vez de hegemonia global, pois esta expressão ao tratar de questões bastante subjetivas como cultura, liderança e consenso perde força explicativa pela dificuldade de ser demonstrada.

Fiori em sua análise histórica enfatiza a ligação originária e essencial entre Estado e Mercado, entre Finança e Príncipe. A origem das relações entre o Poder e Capital, com precedência lógica do primeiro, está assentada numa interligação e dependência recíprocos. O Capitalista se fez valer do Estado para a multiplicação do seu capital e o Estado se fez valer do Capitalista para multiplicar o seu poder. Esta conexão entre Estado e Mercado não é, por exemplo, tão enfatizada por Wallerstein. O que coloca novamente o problema por ele citado da crise do sistema por “pressões estruturais sobre a acumulação de capital”. Fiori, diferentemente dos autores marxistas, não vê a finança como “etapa superior” capitalista ou imperialista. Os Estados que participaram da gênese do Sistema Interestatal Capitalista eram Estados e Impérios simultaneamente, desde seu início, e tinham relações próximas aos banqueiros desde o começo do processo de centralização estatal e foi devido a esta relação que aumentaram o seu poder. Portanto, “acumulação de capital” neste sistema não é obra dos capitais individualmente ou no seu conjunto, é resultado da sua interação com o mundo do poder.

Em sua crítica das teorias do *world-system* de Wallerstein e Arrigui diz: “consideram que o ‘Sistema Mundial Moderno’ antecede a formação dos Estados nacionais e constitui uma única unidade econômica, onde as lutas interestatais flutuam um pouco sem precisão teórica” (FIORI, 2007, p. 26). A esse respeito argumenta que,

O verdadeiro ponto de partida do ‘sistema mundial moderno’ é os ‘Estados-economias nacionais’ que foram ‘inventados’ pelos europeus e que se

transformaram em 'máquinas de acumulação de poder e de riqueza', dotadas de uma 'compulsão expansiva' maior do que a dos primeiros poderes e capitais que se formaram na Europa durante o 'longo século XIII' (FIORI, 2007, p. 27).

Para o futuro, Fiori vislumbra aumento da “pressão competitiva” entre os Estados Nacionais e retomada (que já ocorreu nesta primeira década do século XXI) da corrida interimperialista. O cenário geopolítico da África com crescente disputa entre as potências, com adesão de algumas novas, é exemplo desta percepção. Longe da utopia kantiana liberal dos anos 1990, o mundo novamente se vê às voltas com as disputas entre os Estados e os interesses capitalistas a eles associados, mas também com associações de interesses. Como conclui Fiori, no livro “O Mito do Colapso do Poder Americano”:

(...) é muito difícil prever os caminhos do futuro, depois desta nova 'era imperialista'. Seja como for, uma coisa é certa, do nosso ponto de vista: não haverá nada parecido a um 'duelo final' entre os Estados Unidos e a China nesta primeira metade do século XXI. Pelo contrário, do ponto de vista econômico o que se deve esperar é uma fusão financeira cada vez maior entre a China e os Estados Unidos (FIORI, 2008, p. 68).

Para Fiori, portanto, a dinâmica do Sistema Interestatal Capitalista, com o “motor” do sistema situado na disputa entre os blocos de poder e capital, continua, como sempre foi, desde o início deste sistema. No limite existe a guerra. Mas o que realmente interessa para quem está neste jogo é a preparação para a guerra. Trazendo para contemporaneidade, é disso que Fiori está tratando quando cita a relação entre China e os Estados Unidos.

REFERÊNCIAS

ARRIGUI, Giovanni. **O Longo Século XX**: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. São Paulo: Unesp, 1996.

ARRIGUI, Giovanni. **Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, Editora UFRJ, 2001.

ARRIGUI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim**: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

FIORI, José Luis. **O Poder Global**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

FIORI, José Luis. O sistema interestatal capitalista no início do século XXI *In*: FIORI, José Luis. **O Mito do Colapso do Poder Americano**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Declínio do Poder Americano**: os Estados Unidos em um mundo caótico. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2004.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2001.